

LA LECHE

Ilan Brenman

Resenha

Nascida na Argentina e habitando o Brasil há alguns anos, a mãe despertava seu filho todas as manhãs com as mesmas palavras: “La leche”, “o leite”, em português. Quando se passa do português para o espanhol, o leite muda de gênero, ecoando a experiência do leite materno. As palavras que acompanhavam o despertar traziam consigo também um copo repleto de leite, que era bebido com gosto, mas nunca por inteiro. Beber o leite era a primeira ação que desenhava a rotina diária, que envolvia também ir ao banheiro, escovar os dentes, se vestir para ir à escola, pegar a merenda da vez.

Depois de fases em que a merenda era feita de fatias de pão com recheios diversos, a mãe do menino passou a preparar para ele bolinhos de aveia com gotas de chocolate amargo e frutas. Não que os bolinhos fossem algo de que o menino gostasse: ele preferia secretamente os risoles da cantina e, às vezes, trocava de lanche com os amigos do colégio.

© Seta Gilmeno



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Mais tarde, à medida que foi crescendo, o filho foi aos poucos se afastando da mãe. Ao final da história, porém, os dois se reaproximam: dessa vez é a mãe quem precisa de cuidados. “A mãe se torna filha, o filho se torna pai novamente, agora da sua própria mãe”, escreve Ilan Brenman.

Em uma obra que se constrói a partir de memórias “ao mesmo tempo reais e inventadas”, Ilan Brenman cria uma narrativa protagonizada por um filho e por uma mãe que, como ele, são estrangeiros que emigraram para o Brasil. O título da obra já evoca esse deslocamento, que inclui também uma dimensão afetiva bastante significativa: temos uma palavra em espanhol precedida de seu artigo nessa língua, “la leche”. Embora o espanhol seja uma língua distinta, trata-se também de uma língua ibérica, próxima o suficiente para que muitas vezes os falantes de uma dessas línguas possam compreender o que é dito ou escrito na outra, independente de terem estudado o idioma. Quando lemos autores renascentistas, como Gil Vicente e Miguel dos Cervantes, notamos que essas duas línguas demoraram algum tempo para se separar: suas fronteiras não eram assim tão delimitadas.

A escolha do leite como palavra-título é bastante simbólica, já que o leite é um alimento produzido no corpo das mães mamíferas para dar de comer a seus filhotes – e, nesse sentido, simboliza o cuidado e faz pensar no movimento fluido e complexo que se instaura entre mães e filhos.

Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
professora e mãe

– Filhaaa, deixe de enrolar e venha ler comigo! Desliga esse chuveiro, vai!

Agora é assim: o banho, que antes era alongado pela brincadeira com bonecas, hoje em dia se estende como baile. Ao som do *k-pop*, apresentado pela prima mais velha, as pequenas bonecas dançam no chuveiro, mantendo a tradição da demora.

De repente, ela chega. Toalha enrolada nos cabelos, sorriso maroto. Ela cresceu, mas nem tanto. Defende seu lugar de criança, sem pressa nenhuma com a vida. Quando vi, eu já estava desembaraçando



seus cabelos molhados e dando os mesmos conselhos sobre como evitar aqueles nós.

– Tá booom, mããããe! – sempre a mesma resposta.

Estávamos assim quando conhecemos *La Leche*. Eu, de pente e toalha nas mãos, ela passando as páginas sentada na beira da cama. Foi uma surpresa boa ver que o livro falava exatamente disso: de carinho e de cuidado. Desse carinho e desse cuidado que acontece no dia a dia. E no tempo que escorre entre esses mesmos dias.

– Eu não tomei muito leite, né, mãe? Só o seu. – E me olhou com cara de saudade.

– Você se lembra, filha?

– Não. Só que era bom! Você deve lembrar, né, mãe. Mamou até os 10 anos! – E riu debochada.

– Foi até os 6, tá!

Sim, minha mãe me amamentou até os 6 anos de idade. Acho que eu mesma não tenho recordações do momento em que era embalada por ela. Lembro-me apenas de que, já no final, eu sentia um

pouco de vergonha por amar tanto aquele momento e não conseguir abrir mão dele. De perceber que éramos julgadas pelas visitas. De ver minha mãe fazendo promessa pro santo nos ajudar a encerrar aquele ciclo. Afinal, eu já era grande e, por maior que fosse o afeto envolvido, não devia ser nada fácil para ela.

Nesse momento, fui capturada pelo livro. Era eu o filho-pai. Ou melhor, a filha-mãe que desorganizou e voou pra longe para poder reorganizar e reaproximar. Era eu, embebida na memória-leite, ajudando a tecer um fio invisível entre nós três. Fiquei pensativa por um momento. Ali, sentada com minha filha, vendo-a crescer devagar, imaginei-me pela primeira vez no lugar de minha mãe, no lugar de avó.

Perguntei a ela se tinha gostado da leitura. Respondeu-me que achou bonito, engraçado e um pouco triste. Ela não soube bem explicar se era tristeza, mas tinha um sentimento no ar e nas palavras. Uma coisa diferente. Disse também, misturando

novamente as histórias, que visita não tinha que se intrometer em coisas de mãe e filha. Eu ri.

Combinamos de visitar minha mãe para ouvi-la contar suas memórias. Ela se animou e logo quis incluir o avô na contação. Quem sabe não escrevemos também um livro? Achei ótimo. Pensar nas histórias dos nossos mais velhos, pensar em mim mesma como, um dia, mais velha. Acho que entendi o sentimento que ela captou nas entrelinhas, mas como nomear tudo o que cabe no tempo?



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Em 2023, Ilan

foi duplamente finalista do prêmio Jabuti na categoria Livro Infantil, um feito inédito, com as obras *A espera* e *Desligue e abra*. No ano seguinte, conquistou o prêmio Jabuti 2024 com o livro *Cabo de guerra*, em parceria com Guilherme Karsten. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.ilan.com.br.



Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *Agora!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Desligue e abra*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Kuski*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Pedro, você não vem brincar?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quem assoprou as minhas velas?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Adivinha quanto eu te amo*, de Sam McBratney. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox. São Paulo: Brinque-Book.
- ✦ *Colo de avó*, de Roseana Murray. São Paulo: Brinque-Book.
- ✦ *Mamãe zangada*, de Jutta Bauer. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Drufs*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.

